APRESENTAÇÃO

Estaríamos vivendo um período de "guerra"? A luta já se encerrou ou vivemos um período de trégua? Chamar os últimos momentos que enfrentamos de "guerra" não seria demasiado exagero? Quando pensamos nesta 4ª edição, nos pusemos a refletir sobre várias questões. Porém, o que gritava em nós era o período que atravessávamos: as eleições de 2022. Nossa postura foi, é, e sempre será, marcadamente política, pois não percebemos outra maneira de nos colocarmos no mundo senão essa. Apesar de serem as eleições caracterizadas, também, pelo partidarismo, o último pleito colocava muitas outras questões acima da escolha por A ou B. Fomos às ruas, e às urnas, escolher entre nossas vidas ou nossas mortes.

Durante os últimos seis anos, após o Golpe sofrido pela então presidenta, Dilma Rousseff, vivemos tempos sombrios, onde o medo nos assolava. Nossos direitos - pouquíssimos - até então conquistados, nos eram usurpados. A crueldade nos discursos, nos atos, no parlatório, na TV, nos grupos de *WhatsApp,* tornaram-se "comuns" e foram normalizados. Coincidência, ou não, o assassinato de pessoas trans ganhou força e atingiu números alarmantes, mantendo o Brasil no primeiro lugar do *ranking* de países que mais matam essa população (BENEVIDES, 2023). O que dizer, então, do GENOCÍDIO que assistimos durante a pandemia do Covid-19? Foram quase 700 MIL MORTES, das quais muitas poderiam ter sido evitadas se o governo anterior tivesse valorizado a vida (REINACH, 2022). Mas, de que vidas estamos falando? Daquelas que, por privilégio, puderam viajar para o exterior e se imunizarem, ou das vidas pobres, periféricas, negras, vulneráveis, subalternizadas (SPIVAK, 2018) que aguardavam, ansiosamente, por uma vacina que pudesse lhes resguardar?

Estes são, somente, alguns números que indicam mortes, violência, extermínio. Seria este, ou não, um cenário de guerra? Assim, decidimos: sim, estamos em guerra. Uma luta que ainda não acabou, embora tenhamos saído vitoriosos da última batalha. Lembramo-nos, então, de Jota Mombaça (2021), que nos diz: "[...] que a vitória recompense os que tiverem feito a guerra sem amá-la" (MOMBAÇA, 2021, p. 101). Não é sobre o fato de amar a guerra pela guerra, pelo simples desejo de guerrear, mas pela necessidade de lutarmos por nossas vidas subalternizadas, e não mais subalternas.

Assim, nos propusemos a apresentar a presente edição de modo diferente. Talvez

cartográfica, talvez autoetnográfica. Não importa. Quisemos deixar nossos sentidos falarem por nós, corporificados nas experiências que tivemos ao longo de nossas trajetórias, às quais nos reúnem em multidão (PRECIADO, 2011), tornando-nos "corpos em aliança" (BUTLER, 2018). Dando vazão àquilo que habita em nós, buscamos nas imagens do cotidiano os significados para a vitória da qual gozamos, mesmo que - talvez - momentaneamente. Estaríamos iniciando uma "vida nova"?

IMAGEM 1 - Fotografia da autoria 1



Fonte: Acervo pessoal, 2019

"Resolvi ir embora de minha cidade natal, extremamente conservadora, em virtude de vários processos de homofobia que lá vivi. Investi tudo o que tinha em uma vida nova, numa fase nova, a maior reviravolta na minha vida. As coisas foram acontecendo. Comecei um relacionamento, comprei um apartamento, comecei a descobrir a minha espiritualidade, a qual ainda estou descobrindo. Comecei a me aceitar mais sem medo de julgamentos. Nessa foto eu estava completamente nu na praia, como símbolo de vida nova. Agora que relembrei tudo isso, acabei me emocionando" (Autoria 1, 2023).

É preciso resistir. Passado o bom combate, agora somos (re)existência. Vidas e existências que se refazem, pois sabem da necessidade de *"guerrear perante um sistema que vai todo ao encontro da supremacia daqueles que já são exaltados por anos e que ao mesmo tempo exclui uma minoria, que luta pela equidade"* (Autoria 2, 2023).

IMAGEM 2 - Fotografia da autoria 2



Fonte: Acervo pessoal, 2020

Apesar dos discursos que tentam, ainda, nos desqualificar, conhecemos bem contra quem lutamos. Uma luta que não é só nossa, mas pelo bem comum. A luta dos corpos dissidentes não consegue contentar-se unicamente com suas agendas. Se ume é importante, todes são importantes!

IMAGEM 3 - Fotografia da autoria 3



Fonte: Acervo pessoal, 2023

Este palacete pertencia a um Monsenhor que vivia na Batatais de outrora. Anos depois de sua morte, a Prefeitura, por muito tempo, utilizou o espaço como a Casa da Cultura. Ali funcionava a biblioteca, aulas de danças, de instrumentos e outras atividades. Décadas mais tarde, devido a problemas entre a Prefeitura e a família do falecido dono do imóvel, este foi devolvido aos herdeiros e se encontra à venda por alguns milhões de reais. Um patrimônio belíssimo, histórico e tombado, fechado, sem compradores, definhando no tempo, enquanto a arte e a cultura ainda buscam reconstrução e resistência após estes últimos anos pandêmicos e de desgoverno neofascista. A ex-casa da Cultura já foi abrigo para pessoas em situação de rua, o que indignou os incautos que defendem a propriedade privada, mas rejeitam a justiça social e o direito à moradia. A foto é emblemática e a síntese aqui apresentada reforça que o capitalismo é barbárie e que a acumulação de riqueza acentua a desigualdade em nome do lucro e do poder (Autoria 3, 2023).

A guerra não é de agora. Não é "coisa nova" como dizem por aí. Nossa luta começa a ser travada antes mesmo de chegarmos a este mundo. O armário em que habitávamos era repleto de diferenciações (BRAH, 2006) e, por conseguinte, de desigualdades. Lá encontramos com aquelus que eram considerades a escória do mundo, pois tinham, e têm, desde sempre, seu destino traçado.

IMAGEM 4 - Fotografia da autoria 4



Fonte: Acervo pessoal, 2018

Essa é uma fotografia da minha primeira parada [da diversidade], no ano que fui "assumida", enfrentando um processo muito doloroso, exposta a muitos traumas religiosos. Aquele dia, na rua, foi a primeira vez em que me senti "eu" de verdade. Senti que a máscara que precisava manter para sobreviver não era mais necessária, porque já não existia mais medo. Ao chegar e me juntar à multidão, percebi que não estava sozinha em lugar nenhum, estava com muitos, seja em presença física, seja no espírito daqueles que lutaram por mim, por nós. No momento em que tirei a foto, a luz verde acendeu, o centro da cidade parou para que nós pudéssemos passar. Uma cidade preconceituosa, onde a cultura do agronegócio e do machismo é a lei, foi "parada" pela nossa presença. Todos os sinais a partir dali eram explícitos, assim como aquele sinal verde, assim como a bandeira nas costas e como os amigos que estavam comigo, mesmo não pertencendo à sigla. Me senti parte de algo maior. Uma conexão verdadeira que não cessa, mesmo que não estejamos juntos, lado a lado. Sempre que olho para aquela bandeira, me lembro desse sentimento que jamais quero esconder de novo (Autoria 4, 2023).

Talvez o armário tenha sido nosso QG. Confabulamos contra o sistema branco-cisheteropatriarcal-classista-corponormativo que nos aprisionava. Fizemos da dor o alimento para nossa (re)ação. Reunimos munição pesada, pois tínhamos certeza de que o porvir traria momentos difíceis.

IMAGEM 5 - Fotografia da autoria 5



Fonte: Acervo pessoal, 2018

Essa foto foi tirada em um encontro de um grupo de estudos do qual eu fazia parte em 2018, um pouco antes de iniciar a Marcha #MulheresContraBolsonaro, em Curitiba/PR, que ocorreu 29/09/2019. Neste momento, escrevíamos nossos cartazes para andarmos lado a lado em protesto contra a, na época, possível eleição de um candidato que atentava contra tudo que acreditávamos e, principalmente, contra nossa própria existência. Hoje, após o fim desse (des)governo, ao olhar para as fotografias tiradas naquele dia, há um misto de emoções: alívio pelo fim, felicidade pela vitória, tristeza por todos aqueles que não estão mais aqui e esperança de dias melhores (Autoria 5, 2023).

Nossa principal força estava na união de corpos dissidentes e marginalizados que nutriam um mesmo desejo, que desejavam traçar uma rota de fuga. No meio do caos, percebíamos a existência de lacunas, ou melhor, de frestas, muito pequenas, por onde poderíamos passar. Não deixamos de acreditar na possibilidade de um futuro diferente, até mesmo porque sempre lembramos e fomos grates por aquelus que já haviam passado e pavimentado o caminho até aqui por e para nós.

IMAGEM 6 - Fotografia da autoria 6



Fonte: Acervo pessoal, 2023

Doeu chegar até aqui. O cistema construiu feridas em nós que, talvez, jamais se curem. Porém, as cicatrizes que carregamos em nossos corpos são histórias que contamos. Não queremos, com base nelas, construir um discurso romantizado, com requintes de superação. Mas elas são a corporificação da dor, a objetificação daquilo que fizeram de nós, e estão aqui para nos lembrar: NUNCA MAIS! Não haverá nada mais contra nós. Não haverá mais nada sobre nós sem nós, pois o povo do além margem decidiu que chegou a hora, não de migrar para o centro, pois ele não nos pertence, mas de exigir que aquilo que está para além dela, nas regiões fronteiriças, seja também reconhecido. E ai daqueles que não nos ouvirem!

Juntes, nossa meta se fez uníssona:

IMAGEM 7 - Fotografia da autoria 7



Fonte: Acervo pessoal, 2022

O nome ipê tem origem da língua indígena tupi e significa "árvore de casca grossa". Sua madeira incorruptível e indefinidamente durável lhe confere o símbolo de força e resistência. Na crença popular, fechar os olhos e imaginar um ipê-amarelo favorece a cura do corpo e da alma. E assim foi, durante o final do ano de 2022 que, enquanto professor, tive a oportunidade de ver esse ipê florescer no trajeto para a escola onde atuei, localizada na zona rural de uma cidade interiorana. Vê-lo era como o ESPERANÇAR de Paulo Freire, verbo este que desejamos para este 2023 (Autoria 7, 2023).

Esperançando, reunimos nossas tropas e iniciamos a marcha, sem rota definida. A indefinição é necessária nesta batalha, pois permite que adentremos nos mais diversos campos. Algumes atravessaram oceanos, continentes inteiros. Outres, foram às ruas para gritar o grito de todes nós. Outres, ainda, perceberam que o grande desafio estava em compor um exército que, ao invés de sair, pudesse adentrar às nossas próprias prisões. Mesmo que distantes fisicamente, nos colocamos unides em missão.

IMAGEM 8 - Fotografia da autoria 8



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Para além da cerca de arame que separa o complexo militar da esfera pública das ruas e pessoas, um jovem militar empunhando seu fuzil, com o olhar voltado para o horizonte, onde o dia iniciava seu despertar. Resolvi registrá-la, pois me fez pensar nas prisões (in)visíveis dos corpos. Corpos cerceados por regras, doutrinas morais, padrões, expectativas que aprisionam muito mais que arames. Corpos que almejam a intensidade intempestiva da existência, como o sol que ao amanhecer rompe o horizonte em cores, beleza e inventividades. Corpos prisioneiros de supostas "liberdades", empunhando por vezes, a cumplicidade com as limitações impostas pelo [cis]tema. Corpos que querem alçar outros voos, mas tem receio de bater as asas e deixar os ventos do caos fortalecer brilhantemente a vida que pulsa. Me pego, então, a pensar: por vezes, as prisões mais severas não são àquelas que conseguimos ver, mas àquelas que se tornaram tão comuns que não precisam mais de arames (Autoria 8, 2023).

Chegou a hora de traçarmos novas táticas e ocuparmos novos espaços. Em face do avanço de ideologias ultraconservadoras e reacionárias que assolaparam e assolapam nossas conquistas no campo dos direitos civis, torna-se necessário refletirmos sobre práticas outras que possibilitem nossa resistência. Assim, a presente edição reúne artigos científicos,

ensaios, relatos de experiência, rotas e entrevistas acerca dos Direitos Humanos de forma prática, possibilitando nossa união em multidão e posterior reação.

O primeiro artigo é intitulado ***O estigma sobre o sufixo "ismo": "homossexualismo" onde está a LGBTfobia?***, de autoria de Jean Carlo de Carvalho. O artigo discute o estigma existente sobre o sufixo "ismo" quando presente na palavra "homossexualismo", especificamente na língua portuguesa.

O segundo artigo chama-se ***Narrativas urbanas de MC's trans e travestis nas seletivas estaduais para o duelo de MC's nacional***, de autoria de Thayllany Mattos dos Santos e Conrado Neves Sathler. O trabalho é uma análise discursiva resultada de uma abordagem pautada pelos estudos culturais acerca das performances das/o MC's Yara, Bixarte e Winnit nas seletivas estaduais para o Duelo MC's Nacional 2020, evento de hip hop organizado pela Família de Rua (FDR) em Belo Horizonte, desde 2007, debaixo do viaduto de Santa Tereza.

O terceiro artigo é intitulado ***Presença e materialidade de identidades lésbicas na mídia impressa brasileira entre 2014 e 2020***, de autoria de Raabe Cesar Moreira Bastos e Gabriela Santos Alves. O artigo analisa os conteúdos das revistas Alternativa L e Brejeiras, mídias impressas destinadas à presença, materialidade e construção de identidades lésbicas, entre 2014 e 2020.

O quarto artigo é intitulado ***Acesso à justiça da população LGBTI+: uma análise a partir da Defensoria Pública***, de autoria de Kassia Hellen Marins, Olívia Pessoa e Luciana Silva Garcia. O artigo é um desdobramento do Relatório da Pesquisa População LGBTQIA+, publicado pelo Conselho Nacional de Justiça, em 2022, com o objetivo de analisar as entrevistas envolvendo a Defensoria Pública, para identificar o acesso à justiça e a atuação da instituição em casos envolvendo violências contra a população LGBTQIA+.

O quinto artigo é intitulado ***Trans-identidades e eucação: cisnormatividade e políticas para pessoas trans***, de autoria de Keo Silva. O trabalho problematiza questões emergentes a respeito das trans-identidades no campo educacional, onde a questão da evasão/expulsão escolar, assim como as políticas de inclusão para pessoas trans, compõem a realidade precária nos espaços de ensino e produção de conhecimento.

Já na seção de ensaios, foi publicado o trabalho intitulado ***A cor púrpura, de Alice Walker: compreender por que se tolera um comportamento intolerável é compreender como se pode sair dele***, de autoria de Maria Fernanda Pires e Renato Bernardi. O ensaio visa entender a estrutura do sistema patriarcal, os efeitos da violência contra corpos femininos no âmbito brasileiro e medidas para sanar esse óbice.

Na seção de Relatos de Experiência, foi publicado o trabalho ***Vivência de mulheres LBTQIAP+ no ambiente de trabalho: autoestima, segurança e saúde mental***, de autoria de Vithoria Curupana Figueira, Lehanna Aymeberê Schinkel, Eduardo Augusto Soares, Larissa Thaíse Kern, Ana Caroline Pego e Adriana Maria Bigliardi. O trabalho é oriundo de uma Atividade de Curricularização da Extensão (Acex), que resultou em uma ação reflexiva e

informativa com um grupo de mulheres lésbicas, pansexuais e bissexuais acerca de sua vivência no ambiente de trabalho e as consequências disso na autoestima, segurança e saúde mental.

Na seção de Rotas, foi publicado o trabalho intitulado ***Cartografando (desin)formações docentes***, de autoria de Will Paranhos (William Roslindo Paranhos). O trabalho visa apresentar roteiro para fomentar a vazão das interioridades em processos de organização de atividades (desin)formativas, em defesa de uma educação pela/por/para as experiências.

Por fim, a seção de entrevistas publicou a entrevista realizada por Will Paranhos (William Roslindo Paranhos), com Renan Quinalha, intitulada ***O Brasil após eleições de 2022: retorno ao passado ou possibilidade de um novo futuro?***

A segunda entrevista publicada foi realizada por Will Paranhos (William Roslindo Paranhos), com Erika Hilton, intitulada ***"Travesti não é bagunça!"***.

Por fim, a última entrevista publicada é de autoria de Alberto João Nhamuche, Maria Manuel Baptista e Hélia Bracons Carneiro, com Roberto Paulo, intitulada ***De preconceito à discriminação, desafios de activismo LGBT em Moçambique***.

Convidamos toda a comunidade para a leitura da quarta edição da **Revista COR LGBTQIA+ - Direitos humanos na prática: política, educação, cidadania e sociedade**.

Will Paranhos (William Roslindo Paranhos)
Isabel Ceccon Iantas
Kleire Anny Pires De Souza
Rogério Melo
Raphael De Andrade Ribeiro
Wezelley Campos França
Nizar Amin Shihadeh
Anabella Pavão da Silva

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê**: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022 / ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. São Paulo: Editora José Olympio, 2018.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos" anormais". **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 11-20, 2011.

REINACH, Fernando. Estudo quantifica a tragédia causada por Bolsonaro na pandemia de covid-19 no Brasil. **Estadão**, 25 jun. 2022. Disponível em: www.estadao.com.br/ciencia/fernando-reinach/estudo-quantifica-a-tragedia-causada-por-bolsonaro-na-pandemia-de-covid-19-no-brasil/. Acesso em: 02 mar. 2023.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2018.